

APRESENTAÇÃO

“Creio que em nossa época, a marca, a cicatriz da evaporação do pai, é o que poderíamos pôr como a rubrica e o título geral de segregação. Cremos que o universalismo, a comunicação de nossa civilização, homogeneiza a relação entre os homens. Eu penso, ao contrário, que o que caracteriza nosso século – e é impossível de dar-se conta – é uma segregação ramificada, reforçada, repartida em todos os níveis, que não faz mais que multiplicar as barreiras.”⁽¹⁾

Se o legado de Freud ensinou que a civilização tem o recalque como efeito, Lacan nos aponta que o resultado da civilização é a segregação e o racismo. Nos inspiramos neste dito antecipatório de Lacan para abrir o debate sobre o fenômeno da segregação, que hoje se inscreve como algo central na crise da nossa civilização, a partir da queda do patriarcado.

Lacan introduziu o conceito de segregação em sua Proposição de 9 de outubro de 1967, para indicar os efeitos do discurso da ciência, e, ao longo do seu ensino, realça um viés estrutural na segregação, presente no princípio de todos os discursos que estruturam os laços humanos.

Assim sendo, a bússola de Lacan, indica a segregação como algo constitutivo da própria ordem simbólica e resultante do ódio primordial, enquanto força separadora inerente à própria constituição do sujeito e anterior ao amor.

Por sua vez, Freud, ao abordar a expulsão primordial e o movimento topológico do par *bejahung-ausstossung* que funda o eu e o não-eu, já demonstra que no cerne do psiquismo há um “princípio da alteridade”, atrelado ao fato de sermos seres de linguagem. A partir daí, consideramos a hipótese de que o verdadeiro objeto obscuro do ódio se constitui desta parte do ser que se torna “outra”, podendo golpear as diversas formas de alteridade para expulsar o estrangeiro que diverge do conjunto.

Eis o que caminha nas “*profundezas do gozo*”⁽²⁾ do gozo da nossa civilização: odeia-se o desconhecido e o insuportável do próprio gozo que nos habita. Esta é a lógica que nos conduz a um novo tipo de higienismo “democrático”, ancorado no universal e na fantasia de purificação.

Na citação acima, da “Nota sobre o Pai”, a ênfase do fenômeno da segregação surge como consequência da universalização, introduzida pelos discursos totalitários, que negam o sujeito do inconsciente.

Nesse ponto, Lacan sublinha algo fundamental, que nos servirá de orientação: quanto mais nos movemos em direção ao universal, mais segregamos o singular. É por esta via do ideal universalizante que propomos tecer o nosso tema, através dos fenômenos que visam a Universalização e o Universalismo dos sujeitos, sob a égide de uma homogeneização, que suprime as diferenças e visa o ideal de normatizar os modos de gozo.

Vale destacar que, ao profetizar a escalada do racismo, Lacan afirma:

“Quando voltamos à raiz do corpo, se revalorizarmos a palavra irmão, saibam, que o que vem aumentando, o que ainda não viu suas últimas consequências e que se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo”.⁽³⁾

Neste dito, Lacan já previa um racismo ligado ao comunitarismo, diferente do anterior, baseado na apropriação econômica dos bens ou de um território. Trata-se do “racismo dos irmãos”- conjunto no qual se reconhecem a partir de um nome, se identificam numa determinada categoria e sobrepõem a produção do particular sobre o singular.

Essa é a forma do racismo moderno: o ódio da maneira singular como o Outro goza. É preciso, então, circunscrever a causa do próprio de cada um, resto “inumano”, que nunca entrará no laço, uma vez que não é coletivizável.

Como elucidada Achille Mbembe, em *“Políticas da Inimizade”*, o racismo é a identificação do homem, não com aquilo que o torna igual aos outros, mas com aquilo que o distingue deles, e "tudo que não é idêntico a mim, é anormal".

Segundo o autor, o século 21 é marcado por escravos sem senhores e senhores sem escravos, ambos alimentando os lucros e sem a possibilidade de revoltas. E a luta de classe, que era inseparável da luta de raças, ganha novas variedades de racismos, que não precisam mais do fenótipo para se legitimar.

Esse processo anda de mãos dadas com os novos balcões de diferenças, na vontade de matar aquele que encarna o gozo que eu rejeito. Essa é a armadilha das segregações e do racismo moderno: o desejo imaginário de fazer Um e o empuxo ao universal.

Hoje, longe de renovar os ciclos ou as lutas de classe, os conflitos tomam cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortíferas que produzem novos Severinos, pois a extimidade está na raiz da segregação.

É com essa inflexão que o nosso título se inspirou no poema de construção dramática, "Morte e Vida Severina", obra-prima do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, escrito entre 1954 e 1955.

Morte e Vida Severina retrata o real da trajetória de exílio e desterro de Severino, e de outros nordestinos, que, como ele, são assassinados pelos latifundiários e passam pelas privações impostas ao sertão, fugindo da morte em direção a algum litoral de vida.

“Somos muitos Severinos, iguais em tudo na vida. E se somos Severinos, iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina”.

Lacan formulou que o discurso do capitalismo gera um impulso de morte paradoxal, “pois leva a vida à morte, para que a vida viva”. E apenas o discurso da psicanálise, por não negar o inconsciente, não é um discurso de dominação.

Portanto, cabe à psicanálise “estar à altura de sua época”, entrelaçando as contingências do laço social e transmitindo um discurso que articule o impossível da não relação sexual ao singular de cada um.

Seguindo a esteira indicada por Miller, na clínica psicanalítica, o verdadeiro tratamento do real não ocorre pelo ideal de nenhuma universalização comunitária, mas pelo saber fazer com os restos de cada um.

É na aposta de tecer o significante com alguma escrita, que permita acrescentar significantes novos à atualidade do tema, que nos lançamos ao trabalho. Com o entusiasmo da letra do nosso poeta:

*"E não há melhor resposta que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente,
se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim
pequena a explosão, como a ocorrida; mesmo quando é uma explosão como a de há pouco,
franzina;
mesmo quando é a explosão de uma vida severina." (4)*

Rita Mendonça

Membro do Colegiado de Coordenação do SEPAI, Coordenadora do Eixo Temático Segregação e Racismo

-
- (1) *“Note sur le père”*, *La cause du désir*; no. 89, Navarin Editeur, Paris, março, 2012, p.8.
 - (2) LACAN J. *Kant com Sade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 776-806.
 - (3) LACAN J. *O seminário, livro 19, ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012 p. 226/227.
 - (4) João Cabral de Melo Neto, trecho de *"Morte e Vida Severina"*.